



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 05, pp. 46654-46657, May, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21791.05.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## PREVALÊNCIA DE AIDS NO ESTADO DA BAHIA NO PERÍODO DE 2013 A 2017 EM IDOSOS A PARTIR DE 60 ANOS

Emily Thays Jardim Santos\*, Jamile Gomes Conceição, Mariana Marques de Souza and Matheus Gonçalves de Ataíde

Universidade Faculdade de Tecnologia e Ciências. Salvador- Bahia

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 28<sup>th</sup> February, 2021  
Received in revised form  
09<sup>th</sup> March, 2021  
Accepted 17<sup>th</sup> April, 2021  
Published online 14<sup>th</sup> May, 2021

#### Key Words:

HIV. Idoso.  
Doenças sexualmente transmissíveis.

\*Corresponding author:  
Emily Thays Jardim Santos

### ABSTRACT

**Introdução:** Com os avanços na área de saúde, a população idosa adquiriu facilitadores para um aumento da expectativa de vida e reintrodução a vida sexual, resultando em um aumento a exposição a infecções sexualmente transmissíveis (IST), dentre elas a síndrome da imunodeficiência humana adquirida (AIDS). **Objetivo:** Analisar a epidemiologia da AIDS, ocasionada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), na população de indivíduos com idade a partir de 60 anos, diagnosticados no estado da Bahia, entre os anos de 2013 a 2017. **Metodologia:** Estudo retrospectivo baseado na utilização de dados secundários coletados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) sobre as características dos pacientes acima de 60 anos diagnosticados com HIV. **Resultados:** Observa-se gradual aumento de novos casos, também foi constatado que os maiores índices estão nos baixos níveis escolares assim como, na população entre 60 a 69 anos, predominantemente masculina. **Conclusão:** Os resultados evidenciam que os idosos são uma população em constante crescente no Brasil, visto que as políticas públicas de melhoramento da qualidade de vida estão em crescente expansão. Conseqüentemente, a expectativa de vida desses indivíduos aumenta, bem como, o aumento do diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV.

Copyright © 2021, Emily Thays Jardim Santos et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Emily Thays Jardim Santos, Jamile Gomes Conceição, Mariana Marques de Souza and Matheus Gonçalves de Ataíde. 2021. "Prevalência de aids no estado da bahia no período de 2013 a 2017 em idosos a partir de 60 anos", *International Journal of Development Research*, 11, (05), 46654-46657.

## INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS) é uma doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). O vírus infecta diversos tipos de células do sistema imunológico, incluindo células T CD4<sup>+</sup> auxiliares, macrófagos e células dendríticas, ocasionando assim o acometimento do sistema imunológico predispondo o surgimento de patologias oportunistas (GARCIA et al, 2012; COSTA et al, 2018). A descoberta do vírus da AIDS é recente, visto que seus primeiros registros surgiram entre os anos de 1977 e 1978, tornando-se relevante nos Estados Unidos da América (EUA) em meados de 1981. A suspeita de uma nova doença se iniciou devido à identificação de um número elevado de pacientes adultos, homossexuais, do sexo masculino, que apresentavam sarcoma de Kaposi, pneumonia por *Pneumocystis carinii* e comprometimento do sistema imune. (BRASIL et al, 2003). No Brasil, do ano de 1980 a 2019 foram notificados cerca de 966.058 casos de AIDS, o que é considerado um número bastante significativo, levando-se em consideração todo o impacto social, biológico, físico e emocional que esta doença provoca. No período de 2007 a 2019, foram registrados 207.207 casos de AIDS na população

masculina, o que corresponde a um total de 69% dos casos. Já em relação a população feminina, foram registrados 93.220 casos, correspondente a 31% do total (BRASIL, 2001). A partir disso, o Brasil passou a aderir uma série de políticas públicas de apoio e inclusão para a população com HIV, como fornecimento de medicamentos para tratamento das infecções oportunistas. (SZWARCOWALD et al, 2011). Além disso, a expansão do uso de antirretrovirais para todos os pacientes com contagem de linfócitos TCD4 abaixo de 500 células/mm<sup>3</sup> também foi uma medida adotada (CALAIS et al, 2017). Estudos comprovam que a transmissão do vírus HIV ocorre por diversas vias, sendo a principal, via sexual. Ademais, a contração das partículas virais pode ainda acontecer por meio do compartilhamento de agulhas, transfusão sanguínea, transplacentária e também pela amamentação, sendo esta, uma prática desaconselhada no caso de mães portadoras do vírus HIV (ABBAS et al, 2011; ABBAS et al, 2005). Dentre as mudanças que estão atreladas às transformações físicas causadas pelo HIV e suas respectivas repercussões sociais, convém destacar que esta infecção rotineiramente leva a sintomas como cansaço e fadiga, além de gerar a sensação de enfraquecimento, pode comprometer a vivência social. Ademais, a tristeza, o desânimo, o medo e o preconceito, não só de terceiros como do próprio sujeito, são sensações frequentes neste

grupo de pacientes (SILVA et al, 2015). Os impactos psicossociais do diagnóstico de HIV no indivíduo idoso podem se associar ao processo de estigmatização, potencializando seus efeitos sobre a identidade dos indivíduos, dos grupos e das relações sociais. As discussões, estudos e políticas que se desenvolvem em torno da temática do envelhecimento populacional negligenciam a saúde de pessoas idosas. É preciso que essas mudanças sejam acompanhadas de conquistas no âmbito social que considerem os mais diferentes aspectos do envelhecimento, inclusive a sexualidade, presente também nesse momento da vida e consequentemente o acometimento de ISTs e de HIV/aids (BORTOLOZZI et al, 2020). É importante destacar ainda que, existem aspectos intrínsecos ao HIV que potencializam o estigma da doença, como o fato de ser um risco para a vida do ponto de vista biológico e social. O medo de contrair o vírus, a clara associação do HIV com comportamentos relacionados a utilização de drogas injetáveis, prostituição e homossexualidade também são fatores que devem ser levados em consideração e que mascaram a real compreensão do universo relacionado a doença (SILVA et al, 2015). Nesse sentido, diante das problemáticas expostas, o HIV sendo um vírus relativamente novo, observando o período social e as condições em que surgiu, ainda carrega muitos preconceitos e principalmente falta de conhecimento da população. Atrelado a isso, há ainda a condição da população idosa, que faz parte de um grupo pouco assistido, especialmente no que tange sexualidade (ANDRADE et al, 2017). Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo compreender a incidência do HIV em idosos no estado da Bahia na população de indivíduos com idade a partir de 60 anos diagnosticados entre os anos de 2013 a 2019.

## MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de um estudo retrospectivo, quantitativo e descritivo baseado na utilização de dados secundários. Para essa finalidade, foram utilizadas informações sobre a incidência, idade, sexo, escolaridade relacionado ao HIV. Os dados foram encontrados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus) e Superintendência de Vigilância em Saúde (SUVISA), plataformas do Ministério da Saúde (MS). No Brasil, as medidas agregadas e calculadas referentes ao HIV são disponibilizados a toda a população nos sistemas de informação do Ministério da Saúde. A incidência encontrada refere-se aos novos casos diagnosticados entre os anos de 2013 a 2017, bem como a prevalência. Os pacientes diagnosticados foram ainda selecionados em analfabetos, 1º a 4º série incompleto, 4º série completa, fundamental incompleto ou completo, médio completo ou incompleto e superior completo ou completo. Além disso, a idade a partir dos 60 anos, bem como a taxa de incidência por sexo 2013-2017. Visto que os dados aqui discutidos são considerados secundários, não se teve acesso a identificação dos pacientes, mantendo-os em anonimato. A submissão ao comitê de ética também não foi necessária pois, são informações de domínio público.

## RESULTADOS

Costa et al (2020) avaliaram a frequência do HIV no Nordeste do Brasil por meio de uma revisão sistemática e metanálise. Os autores concluíram que as frequências mais baixas foram observadas no estado da Bahia, correspondendo a 54,6% e também no estado do Pernambuco, correspondendo a 54,5%. Apesar disso, altas taxas de HIV-1 foram registrados na Bahia, variando de 3,3% a 42,5%, não especificando a faixa etária mais acometida (COSTA, 2020). No presente construto, observou-se que a prevalência da AIDS tem aumentado com o passar dos anos. Ao se comparar a prevalência da AIDS entre os gêneros, observou-se que entre o período de 2013 a 2017 houve uma prevalência significativa da doença na população masculina (Tabela 1). Entretanto, no ano de 2014 os índices registrados foram similares na população feminina e masculina, correspondendo a um total de 50% de acometimento para ambos os sexos.

**Tabela 1. Total do número de novos casos de HIV do sexo masculino e feminino no período de 2013 a 2017**

Ano de notificação	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
Sexo	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Masculino	65	58	115	117	115	470
Feminino	38	59	63	71	74	305

Fonte: Santos et al, 2021.

Os estudos de Almeida e Pinheiro (2017) corroboram com os dados encontrados neste trabalho, visto que avaliaram a epidemiologia dos idosos diagnosticados com AIDS na Bahia durante dos anos de 2014 a 2016. Foi registrado que houve um aumento do número de casos da doença no estado baiano, o que também aconteceu em outros estados e em outros países. Além disso, os autores afirmam também uma maior prevalência na população masculina (ALMEIDA e PINHEIRO, 2017). Essa constante prevalência da população masculina é observada de forma semelhante em outros estados brasileiros. Ferreira et al (2015) avaliaram 312 prontuários de pacientes diagnosticados com HIV/AIDS no ano de 2000 a 2013 no estado do Pará. Os autores observaram que, do total de pacientes, 199 correspondiam ao sexo masculino (63,8) e cerca de 113 eram do sexo feminino (36,2%) o que indica infere um importante predomínio da população masculina (FERREIRA et al, 2015). Este aumento do número de casos diagnosticados com AIDS na população idosa pode ser justificado com o processo de globalização, que conferiu maior expectativa de vida. Ademais, pode estar associado ainda a utilização de medicações que aumentam a performance sexual, a utilização de hormônios por mulheres e também a falta da utilização de preservativos. Esse último é considerado o principal elemento relacionado ao ciclo patológico da doença, visto que muitos idosos acreditam ser imunes a AIDS, ou ainda, possuem conhecimento limitado ao uso dos métodos preservativos (ALMEIDA e PINHEIRO, 2017). É importante ressaltar ainda que, ao avaliar a população idosa na faixa de idade entre 60 a 69 anos, durante os anos de 2013 a 2017 houve um aumento significativo de novos casos (Tabela 2). No ano de 2013, foram registrados 81 novos casos, no ano de 2014 foram registrados 84 novos casos, em 2015 um total de 149 novos casos, em 2016 um total de 159 novos casos e em 2017 foram registrados 157 novos casos. Observa-se que houve uma progressão importante quando comparados os anos de 2013 e 2017, com um aumento de 76 novos casos.

Ao analisar a população que corresponde a faixa etária entre 70 e 79 anos de idade, observa-se que o aumento não foi tão expressivo quando comparado a população entre 60 a 69 anos de idade. No ano de 2013, foram registrados 17 novos casos, em 2014 um total de 22 novos casos, em 2015 um total de 26 novos casos, em 2016 também 20 novos casos e em 2017 um total de 26 novos casos. A progressão entre os anos foi de 9 novos casos, o que indica um coeficiente de incidência significativamente menor quando comparado a faixa etária entre 60 a 69 anos de idade. Dentre as faixas etárias analisadas, os idosos a partir de 80 anos foram os que obtiveram o menor registro de progressão de novos casos entre os anos de 2013 a 2017. No ano de 2013 foram registrados 5 novos casos, em 2014 apenas 1 novo caso, em 2015 foram registrados 3 novos casos, em 2016 um total de 9 novos casos e em 2017 um total de 6 novos casos. Em todas as faixas etárias analisadas, a taxa de incidência na população masculina foi significativamente maior, evidenciando um maior acometimento da doença nessa população, sendo que a idade entre 60 a 69 anos foi a mais acometida. Os dados da pesquisa de Souza et al (2019) confirmam os dados encontrados nesse trabalho no que tange a prevalência do HIV no sexo masculino em população idosa. Os autores descreveram que 53,8% dos pacientes idosos diagnosticados com o vírus da imunodeficiência humana são do sexo masculino. Isso se deve ao fato de que os homens são pouco aderentes a medidas preventivas de cuidados a saúde, alguns possuem o hábito de ter múltiplas parceiras sexuais, consomem bebidas alcoólicas exageradamente e também a compreensão de invulnerabilidade ao vírus e a outras infecções que são transmitidas sexualmente (SOUZA et al, 2019).

**Tabela 2. Caracterização por idade e sexo do número de novos casos de HIV entre os anos de 2014 a 2017**

Faixa etária	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		N	CI*
	N	CI*	N	CI*		
60 - 69 anos	50	12,8%	31	7%	81	9,7%
70 - 79 anos	11	5,2%	6	2,2%	17	3,6%
80 anos ou mais	4	3,9%	1	0,6%	5	2%
2014						
60 - 69 anos	45	11,5%	39	8,7%	84	10%
70 - 79 anos	13	6,1%	9	3,4%	22	4,6%
80 anos ou mais	0	0%	1	0,6%	1	0,4%
2015						
60 - 69 anos	96	21,5%	53	13,4%	149	17,7%
70 - 79 anos	16	7,5%	10	3,7%	26	5,4%
80 anos ou mais	3	1,4%	0	0%	3	1,1%
2016						
60 - 69 anos	98	24%	61	13,6%	159	18,8%
70 - 79 anos	13	6,1%	7	2,6%	20	4,1%
80 anos ou mais	6	5,8%	3	2%	9	3,5%
2017						
60 - 69 anos	98	24%	61	13,6%	159	18,8%
70 - 79 anos	13	6,1%	7	2,6%	20	4,1%
80 anos ou mais	6	5,8%	3	2%	9	3,5%

Fonte: Santos et al, 2021.

**Tabela 3. Caracterização da população idosa com HIV entre os anos de 2013 a 2017**

Ano de notificação	2013		2014		2015		2016		2017	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Escolaridade</b>										
Analfabeto	5	11,90%	5	17,85%	7	20%	7	17,07%	1	5%
1ª a 4ª Série incompleta	11	26,19%	4	14,28%	11	31,42%	6	14,63%	3	15%
4ª Série completa	6	14,28%	5	17,85%	3	8,57%	5	12,19%	3	15%
Fundamental Completo	3	7,14%	2	7,14%	3	8,57%	1	2,44%	1	5%
5ª a 8ª Série Incompleta	7	16,66%	4	14,28%	4	11,42%	9	21,95%	6	30%
Médio Incompleto	1	2,38%	1	3,57%	2	5,71%	3	7,31%	4	20%
Médio Completo	6	14,28%	4	14,28%	4	11,42%	6	14,63%	1	5%
Superior Incompleto	0	0%	0	0%	1	2,85%	1	2,43%	0	0%
Superior Completo	3	7,14%	3	10,71%	0	0%	3	7,31%	1	5%

Fonte: Santos et al, 2021.

Aguiar et al (2020) buscaram justificar o comportamento dos idosos frente as práticas sexuais e relacioná-los com o aumento do número de casos de infecções pelo HIV. Uma das principais causas para a infecção recorrente na população idosa é a falta do preservativo e muitos idosos deixam de utilizar esse método de barreira por vários motivos. A dificuldade para a utilização do preservativo, a crença de que a utilização da camisinha diminui a libido ou o prazer do sexo, a crença da diminuição da sensibilidade, da diminuição da ereção e também a concepção de que as relações monogâmicas conferem total proteção às doenças, faz com que o número de casos de idosos com HIV aumente (AGUIAR et al, 2020). Foram avaliados ainda o nível de escolaridade dos pacientes idosos a partir de 60 anos diagnosticados com HIV entre os anos de 2013 a 2017. Entre as variáveis coletadas, foram encontrados dados referentes 1ª e 4ª série incompletos, 4ª série incompleta, fundamental completo, 5ª a 8ª série incompleta, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo e pacientes analfabetos. Os dados foram compilados de acordo com a tabela 3.

De acordo com os dados analisados, observa-se que no ano de 2013 houve uma significativa prevalência de casos diagnosticados entre pacientes com 1ª e 4ª séries incompletas. Em seguida, as maiores prevalências foram observadas em pacientes com 5ª e 8ª séries incompletas e analfabetos. Essa característica se repete no ano de 2015. Já no ano de 2014, os maiores registros de infecção do HIV foram entre pacientes analfabetos e com a 4ª série completas, enquanto no ano de 2016, observa-se uma maior prevalência de idosos de 5ª a 8ª série incompletos, seguidos de ensino médio completo e 1ª e 4ª série incompletos. O ano de 2017 destaca-se pela expressiva redução do número de diagnósticos em todas as variáveis, excetuando-se os pacientes com ensino médio completo, que obtiveram o maior número entre todos os anos analisados.

Esses dados corroboram com a esperada diminuição da incidência do número de casos de AIDS, visto que entre os anos de 2016 e 2017 foi realizada uma campanha nacional com o objetivo de esclarecer e discutir estratégias de prevenção combinada que pudessem combater a transmissão da doença. Outrossim, os estudos de Souza et al (2019) também evidenciaram os graus de escolaridade de pacientes idosos diagnosticados com HIV. Os autores afirmam que do total de idosos analisados, 29,3% são analfabetos e que o grau de escolaridade pode ser considerado como um importante indicador do nível social e econômico desse grupo de indivíduos, bem como, essencial para avaliar o impacto sobre a saúde. Nessa perspectiva, quanto menor o grau de escolaridade do idoso, mais limitado será o seu acesso a informações de qualidade a respeito de métodos que possam prevenir a transmissão de infecções sexuais e mais exposto estará ao vírus da imunodeficiência humana (SOUZA et al, 2019). Em outro estudo, verificou-se que é comum pacientes com grau de escolaridade mais baixo serem os mais acometidos pelo HIV. De um total de 357 pacientes entrevistados 48% não haviam complementado os estudos e 10% nunca haviam estudado em nenhuma série. Entre os entrevistados com idade superior a 60 anos, foram identificados 26 pacientes somente no ano de 2014 com baixo grau de escolaridade. Esses dados evidenciam que o acesso aos serviços de saúde e o grau de instrução tem relação direta com as restrições sociais e a qualidade de vida (PASSOS et al, 2016). Neto et al (2019) comprovou também que o aumento das taxas de infecção pelo HIV está intimamente associado ao menor grau de escolaridade não somente em indivíduos idosos, mas também em faixas etárias mais jovens. Em pesquisa, os autores notaram que a maioria do grupo HIV positivo possuía 1º grau de escolaridade incompleto, representado cerca de 35,83% dos entrevistados. Além disso, a maioria dos participantes viviam com apenas um salário mínimo (NETO et al, 2019). Então, a alta exposição dos idosos ao HIV tem forte influência de diversos fatores,

o que altera as perspectivas epidemiológicas ao longo do tempo. Os comportamentos de risco, como a prática sexual sem preservativos, o manejo incorreto dos profissionais da saúde frente a essa população, bem como o grau instrucional dos pacientes acima de 60 anos frente as doenças sexualmente transmissíveis, são fatores que influenciam diretamente na transmissão do vírus. Esse constructo possui como limitação a utilização de dados secundários que podem conferir prejuízo na qualidade dos dados analisados, diante de possíveis inconsistências, como a subnotificação dos casos de HIV. Apesar disso, ressalta-se que, os dados aqui utilizados foram extraídos da base de dados oficial do Brasil, importante e essencial ferramenta para pesquisa de dados epidemiológicos.

## CONCLUSÃO

Os resultados evidenciam que os idosos são uma população em constante crescente no Brasil, visto que as políticas públicas de melhoramento da qualidade de vida estão em crescente expansão. Conseqüentemente, a expectativa de vida desses indivíduos aumenta, bem como, o aumento do diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis. Observa-se que os homens são a população mais prevalente com HIV, especialmente entre os anos de 60 a 69 anos de idade. Ademais, constata-se ainda que o nível socioeconômico é um importante fator social que deve ser levado em consideração, visto o maior número de casos diagnosticados em populações com baixo nível de escolaridade.

## REFERÊNCIAS

- ABBAS, A.; LICHTMAN, A.; PILLAI, S. *Imunologia celular e molecular*. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- ABBAS, A.K.; KUMAR, V.; FAUSTO, N; ASTER, J.C. *Robbins e Cotran. Patologia – Bases Patológicas das Doenças*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- AGUIAR, Rosaline. Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, ed. 2, p. 575-584, 2020.
- ALMEIDA, David. Epidemiologia dos Idosos com AIDS na Bahia segundo o SINAN de 2014 a 2016. *Id online Multidisciplinary and Psychology Journal*, v. 11, ed. 37, p. 640-652, 2017.
- ANDRADE, Juliane. Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta paulista de enfermagem*, [s. l.], v. 30, ed. 1, p. 8-15, 2017.
- BORTOLOZZI, Ana. Saúde sexual e envelhecimento: revisão da literatura e apontamentos para a educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, [s. l.], v. 5, ed. 4, p. 2699-2712, 2020.
- BRASIL, Ministério da saúde. *Coordenação Nacional Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids et al.* Ministério da Saúde. In: BRASIL (Brasília). *Doenças sexualmente transmissíveis et al.* Aids: etiologia, clínica, diagnóstico e tratamento, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico HIV/AIDS-2019*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001-2020. ISSN 1517 1159. Anual.
- CALAIS, Lara. Políticas públicas de prevenção Ao Hiv/Aids: Uma aproximação entre França e Brasil. *Psicologia em Revista*. v. 33, ed. 2, p. 573-588, 2017.
- COSTA, Renato. *Alterações imunológicas e infecções oportunistas decorrentes da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana adquirida HIV*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) - Fundação Carmelitana Mário Palmério, Monte Carmelo-MG, 2018.
- FERREIRA, Tereza. Perfil clínico e epidemiológico dos portadores do hiv/aids com coinfeção de uma unidade de referência especializada em doenças infecciosas parasitárias especiais. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 419-431, 2015.
- GARCIA, Julianna. Vulnerabilidade dos Idosos frente ao HIV/Aids: Tendências da Produção Científica Atual no Brasil. *Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis*. v. 24, ed. 3, p. 183-188, 2012.
- NETO, Carlos. Qualidade de vida no contexto de pacientes com HIV/Aids: Um estudo comparativo. *Saúde e Pesquisa*, [s. l.], v. 12, ed. 2, p. 333-341, 2019.
- PASSOS, Núbia et al. Caracterização de pessoas vivendo com HIV/Aids acompanhadas em serviço de atendimento especializado no recôncavo da Bahia. *Textura, Governador Mangabeira-BA*, v. 9, n. 16, p. 025-035, 2021.
- SILVA, Leandro. Impacto psicossocial do diagnóstico de HIV/aids em idosos atendidos em um serviço público de saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. v. 18, ed. 4, p. 821-833, 2015.
- SOUZA, Itamara. Perfil sociodemográfico de idosos com vírus da imunodeficiência humana em um estado do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, [s. l.], v. 22, ed. 4, p. 1-9, 2019.
- SZWARCWALD, Célia. A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: três décadas. *Cadernos de Saúde Pública*, [s. l.], p. 4-5, 2011.

\*\*\*\*\*